

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER

HEMILY GARIGLIO DE ALBUQUERQUE

A INTERDISCIPLINARIDADE EM PROJETOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rio de Janeiro

2014

HEMILY GARIGLIO DE ALBUQUERQUE

A INTERDISCIPLINARIDADE EM PROJETOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora:

Me. Rafaela Louise Silva Vilela

Rio de Janeiro

2014

A599r	<p>Albuquerque, Hemily Gariglio de</p> <p>A interdisciplinaridade em projetos na educação infantil / Hemily Gariglio de Albuquerque . – Rio de Janeiro: ISEPS, 2014.– fl. il.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2014. Orientador: Profa. Me. Rafaela Louise Silva Vilela</p> <p>1. Educação. 2. Educação Infantil. 3. Projetos. 4. Aprendizagem significativa. 5. Autonomia. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.</p> <p style="text-align: right;">CDD 372</p>
--------------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

HEMILY GARIGLIO DE ALBUQUERQUE

A INTERDISCIPLINARIDADE EM PROJETOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Defendido e aprovado em 2 de dezembro de 2014.

EXAMINADORES

Profa. **Me. Rafaela Louise Silva Vilela**

Orientadora

Metodologia de Pesquisa II

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 11 de novembro de 2014.

HEMILY GARIGLIO DE ALBUQUERQUE

Dedico esse trabalho ao meu filho, aos meus pais, a todos os educadores e educandos que de certo modo contribuíram para que eu chegasse até aqui e ao Bruno Teixeira Siqueira, in memória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por permitir e se fazer presente neste processo contínuo, aos meus pais que se debruçaram na minha educação, à minha família, amigos, instituições que me acolheram e a minha primeira professora Denise Barcellos.

Ao filho Caio Gariglio Ferreira, que me moveu a cada segundo.

Ao ISEPS, que possibilitou a mim a capacidade de me reinventar durante esses três anos.

À minha turma querida 2012, que me permitiu vivenciar a experiência de grupo, principalmente à Patrícia Nascimento, Deisianne Britto e aos meus colegas de trabalho por conviverem com toda a adversidade que o processo causou.

Às professoras Maria Delcina Feitosa e Cristina Laclette Porto por me acolherem durante meu trabalho monográfico.

“Não importa o que fizeram de mim,
o que importa é o que eu faço com o
que fizeram de mim.”

Jean-Paul Sartre

RESUMO

Essa pesquisa tem por objetivo refletir sobre a importância de como a interdisciplinaridade em projetos na Educação Infantil acontece. A pedagogia de projetos envolve uma concepção de educação, um olhar abrangente e capacitador, que oportuniza aos educando e educadores uma aprendizagem significativa. Os instrumentos metodológicos utilizados para a construção desta monografia partem da concepção de Madalena Freire e se estruturam por meio da observação, do registro, do planejamento e da avaliação. Trata-se de uma concepção que viabiliza a construção da autonomia, de forma democrática, em que o grupo é uma das peças fundamentais para a construção do aprendizado. O estudo revela que a interdisciplinaridade se dá através da vivência e experimentação, na relação de grupo e no cotidiano.

Palavras-Chave: Educação. Projeto. Interdisciplinaridade. Educação Infantil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 SOBRE PROJETOS	13
2 APRENDENDO A PESQUISAR	19
3 OBSERVANDO AS CRIANÇAS	23
3.1 Universo Pesquisado	23
3.2 O “Projeto de leitura da creche”	24
3.3 O caderno de campo	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

Iniciei minha vida acadêmica na área de Educação no ano de 2001, quando realizei o Curso Normal com Formação de Professores no Colégio Estadual Ignácio Azevedo do Amaral. Esse período foi muito significativo, pois, durante o processo, procurei experimentar as diversas áreas de atuação e suas faixas etárias. Sendo assim, pude focar na área da educação infantil (hoje meu maior prazer profissional). Porém, muito antes desse momento, me encontrei como educadora. Por exemplo, quando estive na sétima série, fui explicadora da minha colega de sala e isso hoje me faz entender que nascemos educadores e nos tornamos professores.

No ano de 2010, ao trabalhar na creche Madalena Sofia, conheci uma nova concepção de ensino, pois a escola era organizada por projetos educacionais. Implantada no Brasil, com inspiração em Fernando Hernandez, um dos pioneiros, essa concepção consiste em um trabalho pedagógico em que trabalha-se com diversos conteúdos simultaneamente e tem por objetivo estabelecer uma relação dialógica e reflexiva. Fiquei admirada ao aplicar e vivenciar essa experiência porque, a medida que o processo de desenvolvimento vai se internalizando, professor e aluno vão dando formas ao saber, sem rotulação ou forma. Essa identificação fez com que eu conhecesse o Instituto Superior de Educação Pró-saber (ISEPS), pois a creche tinha uma parceria com o Instituto.

Fernanda Melo Braga me apresentou a essa nova realidade e, aos poucos, foi-me orientando a aperfeiçoar meu fazer pedagógico, além de incentivar-me a realizar o vestibular. E, então, conquistei mais um passo. Pude aprimorar e ressignificar os conceitos de educação e, assim, compus, junto com mais trinta e seis colegas, a turma 2012.

O ISEPS é um lugar encantador, onde constituí minha autonomia e aprendi a assumir minha identidade e a me reconhecer como ser único. Conquistei autoria, reflexão, singularidade e pude reconhecer a importância do vínculo. Por meio da convivência com Madalena Freire, pessoa extremamente humilde e fascinante e, posso ousar dizer, encantadora de crianças e adultos.

Meu tema monográfico se deu através da disciplina ministrada por Jayna Cosmo sobre “Projetos e Trabalhos Escolares na Educação Infantil”. Ela abordou o conteúdo com muita propriedade e, no meio da disciplina, escolhi apro-

fundá-lo. Suas aulas eram indispensáveis para minha prática despertando, assim, o verdadeiro desejo de educar e semear autoria dentro da vida de cada um dos meus educandos, deixando marcas significativas. Senti-me pertencente a um objetivo e bem comum, totalmente capaz de realizar uma parceria com a beleza e a riqueza de contribuir para a formação de cidadãos desejan-tes de um futuro promissor e digno de uma respeitável educação de qualidade e igualdade.

Com esse estudo, quero poder me aprimorar e retificar de que o projeto na educação é uma concepção importante, que nos permite dialogar com diferentes conteúdos e estratégias, sem estar presa a um currículo robotizado e rotulado. Neste sentido pretendo observar, registrar e acompanhar os ambientes de educação infantil de uma creche, investigando o trabalho com projetos com um grupo de crianças de quatro a cinco anos. Para isso, essa pesquisa utiliza como instrumentos metodológicos a observação e o registro.

As observações buscaram responder aos seguintes questionamentos: O que é projeto propriamente dito? Como fazer um bom projeto preparando meus alunos para a vida social? Em que momento a prática estimula a ampliação de novos conceitos? Como se dá a interdisciplinaridade na prática cotidiana? Até onde podemos ir com o projeto desenvolvido? O que é a culminância propriamente dita? Em que momento precisamente a troca de experiência do grupo permite a interdisciplinaridade?

Os dados construídos durante a pesquisa de campo foram registrados em caderno de campo e analisados a partir da interlocução com os estudos de Paulo Freire (1996), Fernando Hernandez (1998), Maria Carmen Barbosa (2007) e Patrícia Corsino (2009).

Esse trabalho é composto por introdução e quatro capítulos. No primeiro capítulo trato relatos da experiência vivida na vida acadêmica. No segundo capítulo, abordo a fundamentação teórica e abro um diálogo com Patrícia Corsino, Fernando Hernández, Maria Carmen Barbosa e Madalena Freire. No terceiro capítulo, parto das observações realizadas na minha prática e as analiso com base nos autores citados. O quarto capítulo é dedicado às considerações que tenho condições de fazer ao final desse processo e por último as referências utilizadas na escrita da monografia.

1 SOBRE PROJETOS

Atualmente, a grande maioria das escolas que se constituem dentro de uma concepção democrática de educação apresenta a perspectiva de trabalhar com projetos. Antes de tudo, devemos entender que projeto envolve uma concepção de educação que tem recebido um olhar diferenciado devido a sua grande e abrangente capacidade de oportunizar aos educandos e educadores a mobilização de uma aprendizagem simultânea. A grande potencialidade do projeto é a capacidade de se trabalhar diferentes conteúdos dentro de um mesmo objeto de pesquisa.

A concepção de projetos, segundo Corsino (2009, p. 105), é "a antecipação de algo desejável que ainda não foi realizado. Uma ideia para ser transformada em ato". Entende-se que os dois são produtos indissociáveis para uma educação de qualidade. Projeto dá a ideia de um objetivo a ser alcançado e que, nesse processo, é possível construir coletivamente o conhecimento. O ensino-aprendizagem se realiza mediante um percurso que nunca é fixo, ordenado. O planejamento é flexível e está em constante processo de construção. Projeto requer a participação do grupo para uma ressignificação conceitual, isto é, uma abertura, um desprendimento do conceito formado para o que o novo possa adquirir seu espaço, possibilitando uma reformulação e fazendo emergir a reflexão.

O currículo na Educação Infantil já se apresenta de maneira bem diferente, pois este é composto por conteúdos que precisam ser desenvolvidos ao longo do processo de aprendizagem de nossos alunos. Assim, possuem objetivos e conteúdos pré-fixados, pré-determinados, apresentando uma sequência regular, prevista, sem se desprender muito para o surgimento do extraordinário.

Para se trabalhar com projetos, o educador deve manter-se atento a todo tempo para que perceba, dentro do currículo, os desejos do grupo. A observação e o registro são grandes instrumentos neste processo. O projeto deve surgir a partir da turma e envolver o grupo como um todo, através do tema. Pode-se dizer que o tema é o foco, assunto, motivo que norteia o planejamento do projeto com o intuito de mover, aguçar, questionar aquilo que escolhemos descobrir juntos. É um processo contínuo, que se faz presente

diante da metodologia de projetos. Hernandez (2000) afirma que “este estudo refere-se à organização da inovação educativa na prática e aos significados que os diferentes agentes envolvidos constroem em torno dela.” (p.39). O grupo pode expressar o desejo sobre o conhecimento específico através de gestos, músicas, fala, comportamento, questionamentos e muitas outras hipóteses.

Freire (2008) não trata de trabalho com projetos, mas dedica-se a pensar o que torna qualquer conteúdo significativo para o educador e para o aluno. Assim como Hernandez (2000), aponta que trabalhar desse modo exige comprometimento, dedicação e disposição, além de disponibilidade para se refazer dos ranços adquiridos durante toda uma vida escolar tradicionalista ou até mesmo espontaneísta, para dar sentido e contexto ao que aprendemos. Também se faz necessário a participação de toda comunidade.

Madalena revela no livro Educador que:

A família, não vive sem a escola. Ambas fazem parte da constituição deste, cidadão responsável pelo bem comum. Por tudo isso, todo educador tem sempre duas classes: a dos seus alunos e a dos pais desta família. É nesse sentido que a escola também tem os pais como interlocutores em constante diálogo sobre os impasses e conquistas, no exercício de ambos educar (FREIRE, 2008, 145-146).

É através dessa participação que a família e a escola se constituem como comunidade escolar, estabelecendo vínculos para uma relação dialógica. A parceria é uma das forças que mobiliza todas as etapas do projeto. Até porque não seria viável uma pesquisa, onde não houvesse participação e interação e onde a intervenção do outro não interferisse na aprendizagem de cada um, estimulando uma nova significação: “(...) a escola lança luzes para o entendimento dos pais de sua importância enquanto educadores, na relação com seus filhos”. **CITAÇÃO SEM AUTOR**

Freire (2008) lembra que é na interação e na relação com o outro, que somos movidos a buscar, a desconstruir para reconstruir e isso se faz presente constantemente na prática de trabalhos por projetos. “A identidade do sujeito é produto das relações com os outros. Nesse sentido, todo indivíduo está povoado de outros grupos internos da sua história” (FREIRE, 2008 p. 97). Isto é, nossa aprendizagem se dá na relação com o outro.

O dicionário Aurélio (1995) diz que “projetar significa atirar longe, arremessar, planejar, isto é, fazer uma ação direcionada para o futuro”. Para Maria Carmem Barbosa (2007), a vida do ser humano é baseada em planejamentos. Tudo que fazemos é com o foco de conseguir o objetivo planejado, estamos em constante processo para descobrir novas funções e maneiras de pertencimento.

A partir do momento em que o sujeito se mobiliza a aprender algo fora de seu contexto social, passa então a explorar o seu meio real, isto é, a realidade na inteireza do seu pensamento. Com isso, a comunidade escolar está envolvida em um mesmo projeto (perspectiva, desejo, objetivo) onde a vida em comunidade está constantemente interligada ao que se produz.

Apoiada nas ideias de Dewey, Barbosa (2007) afirma que a criança se constitui como um ser pensante através de pesquisa, debate e reflexão para solucionar problemas envolvendo o grupo. É neste movimento que o grupo, em uma relação dialógica, contínua sendo motivado a pesquisar, indagar, procurar saber.

Freire (2008) aposta que é na concepção de grupo e na interação com o outro, que somos capacitados a entender o mundo que nos cerca. Por muitas vezes, é um movimento involuntário, uma pergunta, que desperta no outro o desejo de saber mais: “O grande desafio é manter-se acordado, vivo, para poder assim acordar os outros” (FREIRE, 2008, p. 66).

Corsino (2009) afirma que é possível:

[...] definir projeto como antecipação de algo desejável que ainda não foi realizado. Uma ideia para ser transformada em ato. No trabalho com projetos, as pessoas mobilizam-se e envolvem-se para descobrir algo novo, procurando respostas a questões ou problemas e necessidades reais. (p. 105).

Para trabalhar com projetos, na Educação Infantil, compreende-se que a escola deve estar em parceria diretamente ligada com a família, com os interesses e com a vida social do aluno. Entretanto, pode-se dizer que não é o conteúdo a ser dado que faz a diferença e sim os recursos e objetivos a serem apresentados. Devemos sempre levar em conta a realidade de nossos educandos, contudo isso não nos limita a trabalhar de maneira sintética, limitada.

É fato, por exemplo, que meus alunos não conhecem a Antártida, porém, o meu papel, enquanto professor mediador, é fazer um levantamento do que sabem, como sabem, para depois avaliar o que podemos ampliar de acordo com a faixa etária deles, por meio de pesquisa, história, teatros, filmes, textos informativos.

Corsino (2009) relata que: “não se promove uma educação de qualidade e nem se viabiliza um projeto sem o afinamento do grupo e a articulação entre o administrativo e o pedagógico.” (p. 113). A autora acredita que os caminhos que se percorrem dentro do grupo para estabelecer uma significação conceitual são muito mais importantes, quando mediados por um foco pedagógico do que pelo resultado final. As estratégias impulsionam o aluno a ser reflexivo e autônomo em seu saber, capaz de conquistar seu conhecimento juntamente com o grupo, fazendo o seu processo de aprendizagem mais significativo e possibilitando ao outro a capacidade de chegar a um mesmo objetivo, por caminhos diferentes. Para isso, o foco é fundamental.

Alguns movimentos de construção do planejamento são primordiais para se adquirir o conhecimento. Segundo Corsino (2009), “ao professor cabe a mediação de cada etapa por meio da organização de propostas, questionamento, pesquisa em diferentes fontes, observação, reflexão, flexibilidade e conhecimento dos conteúdos e habilidades que devem ser trabalhados” (p.114)

Nesse viés, o professor assume um papel de mediador do saber, porque é através da sua mediação que os alunos irão se sentir confiantes e desafiados para ir em busca de respostas para suas questões. Na construção de todo o projeto, fica evidente o papel do professor como pesquisador que se refaz a todo o momento - “o professor-pesquisador” (FREIRE, 2012).¹

Corsino (2009) considera ainda que, com a metodologia de projetos, o professor adquire múltiplas funções, porque o “trabalho com projetos permite a integração de diferentes áreas do conhecimento e de diferentes mídias e linguagens” (p. 107).

Assim, podemos afirmar que trabalhar com projetos é libertador, pois possibilita estimular a capacidade de pensar, permitindo que os alunos saiam

¹ Nota de aula da Disciplina (Projetos e Trabalhos escolares na Educação Infantil), ministrada por Madalena Freire no Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), primeiro semestre de 2012.

do que se já tem conceituado, traçando caminhos para se chegar ao mesmo resultado. Com isso, ampliam-se os conhecimentos. Nesse movimento diferentes papéis são exercidos e cada um significa, a sua maneira, o que foi pensando.

As etapas de elaboração de um projeto, segundo Corsino (2009), seguem os princípios abaixo:

1º Recorte temático/Nome: (a direção, o horizonte do trabalho. Pode ser a própria questão central levantada pela turma). **2º Público** (caracterização do grupo: idade, turma/serie, interesses, condições socioeconômicas outras informações importantes para situar o grupo). **3º Duração/tempo previsto de realização** (o tempo que se calcula que o projeto terá de acordo com as propostas iniciais. Sabemos que esse tempo é flexível e que muda de acordo com o caminhar do projeto, podendo durar mais ou menos do que o previsto inicialmente). **4º justificativa** (por quê? Apresenta os fundamentos da escolha e algumas reflexões teóricas: históricas de como surgiu a idéia/tema do projeto, qual a sua importância e o significado que esse projeto pode ter no grupo etc. Além disso, o professor antecipa uma rede de questões, conceitos e oportunidades curriculares possíveis de serem trabalhadas. Por que o tema é importante? Que direções o tema pode tomar?). **5º Objetivos** (para que? É o esboço ou direção do caminho que o professor pretende trilhar com as crianças. O que se pretende alcançar com o projeto que está sendo proposto). **6º Etapas previstas** (situações significativas) (refere-se ao “o que “fazer e trabalhar com o grupo”. Aqui se delineiam as possibilidades de trabalho, as situações e atividades que poderão ser realizadas. É o planejamento da linha geral do projeto a partir do que foi pensado com a turma. Pode modificar-se ao longo do seu desenvolvimento com acréscimo e desdobramentos. Devem incluir o “como”, ou seja, as atividades que serão propostas e como serão registradas as aprendizagens, descobertas e conquistas do grupo. Os registros podem ser feitos de muitas formas: registro pelo professor das narrativas crianças, desenhos, colagens, dramatizações, texto escrito em diferentes suportes-cartazes, livros, álbuns, portfólios etc.). **7º Recurso** materiais necessários (tudo o que vai ser necessário para viabilizar a realização dos projetos-passeio, vídeos, livros, materiais como folhas, guache etc.) **8º Proposta de finalização** (proposta que preveja um destino final, as produções das crianças -função social -, que permita que elas percebam o que aprenderam e comuniquem a sua aprendizagem, divulguem suas produções. Pode ser uma

exposição, uma feira, um lançamento de livro, uma campanha, um recital etc. Essas propostas são instrumentos de avaliação do projeto, tanto para as crianças quanto para o professor). **9º Fontes de consulta** (as leituras, pesquisas feitas para organizar o projeto). (p.114-115).

A autora sinaliza que trabalhar com a concepção de projetos de maneira contextualizada amplia o campo de conhecimento do educando consideravelmente, pois os conteúdos estão interligados de modo interdisciplinar, sendo um transversal ao outro. Nessa linha, pode-se dizer que projeto é a busca por algo que se deseja saber, é o cultivo pela paixão de aprender.

2 APRENDENDO A PESQUISAR

A pesquisa foi desenvolvida por meio dos instrumentos metodológicos propostos por Madalena Freire (2008): observação, registro, avaliação e planejamento. Os dados que serão apresentados e analisados foram coletados através de pesquisa de campo, em que observações sobre a prática cotidiana da creche onde trabalho foram feitas e registradas.

Durante esses três anos, em que fui aluna do Curso Normal Superior em Educação Infantil do Instituto Superior de Educação Pró Saber - ISEPS, adquiri conhecimentos e conquistei saberes, para melhorar minha prática enquanto educadora. Os instrumentos metodológicos de Madalena Freire (2008), experimentados e vivenciados, fizeram grandes mudanças. No início, assim como toda nova aprendizagem, a proposta causou muito estranhamento, pois conseguir deixar transparecer, em uma folha, o que se observa e ter que descrever, com clareza e ricos detalhes. O que é observado exige compromisso, concentração, persistência, percepção e muita sensibilidade. Quando estamos inseridos em uma concepção e meio democráticos, construímos o ensinar e o aprender de maneira coletiva.

O ato de observar exige entrega por inteiro de um corpo que lhe pertence, que está, porém, domesticado a trabalhar com suas partes desmembradas. **"A observação é a ferramenta básica neste aprendizado da construção do olhar sensível e pensante"** (FREIRE, 2008). Ela exige escuta, olhar diferenciado e investigativo, procurando atender a indagações que os educadores devem se fazer a todo o momento.

Relacionando um pouco desse processo com minha prática, lembro-me bem que houve muita resistência de minha parte, de meu ser constituído, para me refazer. Durante as aulas no ISEPS, no resgate de minha memória, constantemente, me fazia um pergunta: Por que ficar dizendo o que vejo, se é evidente e lógico?

Essa entre outras questões foram respondidas junto com Madalena Freire, em 2012, quando fui sua aluna. Ela afirmava que a aula era construída naquele momento e não seria a mesma no dia seguinte, mesmo que com a mesma turma e no mesmo lugar, porque as circunstâncias em que a

aprendizagem se estabelecia seriam outras, por diversos fatores. Deveríamos, por exemplo, aprender que os alunos ausentes se fazem presentes, por sua singularidade e dentro da concepção de grupo que ali vivenciávamos.

"Concentração do olhar inclui escuta de silêncios e ruídos na comunicação". (FREIRE, 2008).

Registrar envolve a escrita, com suas regras e convenções, e incentiva a sermos pesquisadores. Afinal, somos espelhos de nossos educandos e devemos procurar capacitação para essa árdua tarefa. **"O registro permite romper a anestesia diante de um cotidiano cego, passivo ou compulsivo, porque obriga a pensar." (FREIRE, 2008).**

Partindo-se deste princípio, deveríamos entender que pensar é uma dádiva e, ser pessoas que refletem a todo o momento é algo muito valioso. No entanto, não nos damos conta disso, até porque a sociedade em que vivemos não nos permite perceber o quão valiosa é essa característica humana. Para desenvolver o pensar, devemos nos libertar e nos despir de todas as convenções e conceitos já pré-determinados e internalizados através de nossa sociedade. A prática de resistir é pura teimosia e insistência.

O registro pode acontecer de várias maneiras, constituindo-se, inicialmente, de notas imediatas, ou seja, de pequenas frases que fazem referência ao assunto observado. Com a releitura, é possível elaborar um texto. Nas aulas, também contávamos com as sínteses que escrevíamos para cada professor. Através das notas imediatas e das sínteses, percebi era capaz de visualizar uma cena através do olhar do relator, porque, mesmo que tente ser fiel ao fato que acontece, o sujeito que relata coloca na escrita um pouco da sua singularidade, da sua emoção.

A escrita também é constituída de uma maneira característica de se escrever. O registro nos provoca a pesquisar a maneira correta de escrever para que o leitor acompanhe o que está sendo relatado, além de melhorar a linguagem acadêmica e formal, quando corrigimos possíveis erros de grafia, acentuação, coesão e coerência.

Durante a aprendizagem desse processo, muito me irritei, desesperei e resisti, porque é difícil se libertar do que já se conhece e se permitir o novo. Aos poucos fui compreendendo o que uma de nossas professoras, a Jayna Cosmo, trazia em suas aulas, reafirmando Madalena, ao dizer: "Não deixemos

que o ouro escape por nossas mãos e não nos esqueçamos de registrar, porque registro é arma de luta e assim fazemos história!".² (COSMO, 2012).

Depois de muito refletir, cheguei à conclusão de que tudo que foi dito nas aulas era bem verdade, como por exemplo, que os desenhos egípcios deixados na parede, tinham a função de contar a história de um povo. "O registro da prática é o fio que vai tecendo a história do nosso processo. É através dele que ficamos para os outros." (FREIRE, 2008, p. 55).

A avaliação é construída à medida que se vai alcançando as outras etapas da metodologia proposta. "Na ação de avaliar pensa-se o passado e o presente para poder construir o futuro. Nesta concepção de educação, por tanto, a avaliação é vivida como processo permanente de reflexão cotidiana" (FREIRE, 2008, p.175). Avaliação se faz a todos os momentos, desde a observação, onde se percebe o que funcionou, como, onde, que materiais foram utilizados, que recursos e estratégias foram desenvolvidos e em que espaço.

Durante as aulas no ISEPS, ao fazermos esse exercício, conseguíamos identificar diferentes pontos de observação que eram lançados pelos professores para que os alunos avaliassem o processo de aprendizagem. O olhar de cada aluno era compartilhado, isto é, cada um se avaliava, dizendo como se deu sua aprendizagem individual no grupo.

O ponto de observação sobre o grupo era lançado como tarefa para que um de nós tornasse visível como havia se desdobrado a aprendizagem coletiva. Ficava evidente que o comportamento do grupo diante de um tema específico também imprimia sentido aos conteúdos apresentados.

E, por último, o ponto de observação sobre a coordenação do professor levava os alunos a terem a possibilidade democrática de avaliar o processo dinâmico do ensinar, sinalizando se houve erros, tropeços, inovações e de como a próxima aula poderia ser conduzida.

Esse processo foi bem difícil de viver, pois ter que externalizar o que se vive, pensa ou sente é muito difícil. Outro ponto onde superei muitos obstáculos foi o de colocar o outro em evidência, sem discriminação, exclusão, preconceito, e sim com o desejo de evidenciar que temos muito o que aprender

² Fala da Profa. Jayna Cosmo na Disciplina Trabalhos e Projetos na Educação Infantil em 2012.

com o outro e que ele tem muito a se ver com o que eu tenho a relevar, sempre de maneira harmônica e respeitosa.

Acredita-se que esse é um dos papéis mais difíceis de ser restabelecido dentro de um grupo, principalmente o público infantil, onde o egocentrismo é a marca. Contudo, se feito com responsabilidade e seriedade se constrói o senso crítico nos alunos, formando-os como cidadãos desejantes de um mundo igualitário.

Os instrumentos são de grande valia para o exercício contínuo da reflexão e para a formação de seres reflexivos que colocam seus pontos de vista e constroem uma aprendizagem significativa dentro de uma concepção de grupo que reconhece que, a cada momento, diferentes papéis são exercidos na sociedade. Isso significa que a metodologia prepara os alunos para a construção da autonomia e a vivência em sociedade.

Trabalhar a partir da metodologia de Madalena Freire, juntamente com a reflexão sobre o que vem a ser o trabalho com projetos, vem mudando muito minha prática. Através do exercício diário de reflexão, venho adquirindo conhecimento prévio sobre meus alunos, construindo vínculos e, com isso, melhorando o meu ensinar, preparando-os para uma vida social mais consciente. Vejamos, a seguir, o que ocorreu durante algumas de minhas observações sobre a prática.

3 OBSERVANDO AS CRIANÇAS

O momento crucial da semana que se inicia é a roda da conversa. Nela o ato de observar muito nos revela durante a construção desse momento que possibilita ao educador e educando a construção do vínculo como combustível para uma relação dialógica onde todos se respeitem além de conquistarem sua voz, direito a reflexão, autoria e autonomia como ser pensante. Madalena Freire nos diz que “como seres humanos, nos diferenciamos dos animais por nossa capacidade de aprender, mudar, transformar, criar, fazer histórias, na qual o pensar alicerça esse processo de mutação” (FREIRE, 2008, p. 48) nos diz ainda, que somos geneticamente sociáveis e que se não convivemos com o outro, subitamente morremos por meio da acomodação, porque é você que move o outro a se mobilizar.

3.1 Universo Pesquisado

Atualmente trabalho em uma creche³, situada em uma comunidade, na zona sul do Rio de Janeiro e que foi fundada no ano de 2012, com o objetivo de oportunizar uma educação com a mesma qualidade das grandes escolas da região.

Foi concebida por dois educadores que trabalhavam juntos em uma instituição de classe média alta e que se uniram pelo desejo de refazer a educação democrática e inclusiva em que todos são iguais.

A creche atende ao público da educação infantil (do maternal ao Jardim III) e ensino fundamental e está instalada em um prédio de cinco andares que se dividem em 13 espaços: sete salas de aula, secretaria, sala de direção, sala de multimeios, sala de tecnologia (com computadores, projetor, TV e DVD), refeitório e pátio.

A equipe é composta por 17 funcionários: diretora, secretária, 2 cozinheiras, 1 fonoaudiologia, 1 psicóloga, 3 professoras, 7 recreadoras e 1 auxiliar de limpeza.

Os dados foram recolhidos por meio da observação da turma do Jardim

³ A creche não foi nomeada para preservar a instituição.

II, na faixa etária de 4 a 5 anos. A turma se compõe de 27 alunos, sendo 2 alunos de meio período e 25 de período integral. As educadoras possuem o apoio pedagógico de uma ONG que trabalha com projetos literários. O grupo é muito dinâmico e as crianças representam a turma do Jardim II.

3. 2 O “Projeto de leitura da creche”

O projeto foi desenvolvido em função dos seguintes objetivos:

- Auxiliar os gestores e educadores em sua capacitação profissional.
- Ampliar a melhoria administrativa da escola.
- Reorganizar o espaço e a documentação a serviço do aluno.
- Sensibilizar os gestores para a prática de educadores e educandos.
- Despertar o interesse por observar e compreender a rotina da creche.
- Disponibilizar, por meio de doações, recursos (materiais pedagógicos, livros, papéis, recursos para a produção de artes, além de mesas, cadeiras, computadores e outros materiais tecnológicos) para realização de melhor organização espacial e produtiva.
- Possibilitar aos educadores a experimentação do meio em que se vive.
- Despertar o olhar reflexivo sobre as atividades e suas representações para o aluno.
- Socializar e promover a interação e a troca de experiências feitas periodicamente.
- Ampliar o conhecimento dos educadores e fazê-los conhecer a importância do papel que exercem.
- Ampliar o conhecimento sobre os teóricos da Educação.
- Provocar a relação afetiva e dialógica entre aluno e professor.
- Ampliar a linguagem oral das crianças por meio da interação com o professor.
- Estimular a vontade de leitura.
- Explorar o lúdico de alunos e professores.

As atividades propostas em sala de aula eram sempre realizadas através da mediação da facilitadora do projeto.

3.3 O caderno de campo

O caderno de campo foi produzido durante curtos momentos, onde pude observar o desenvolvimento do projeto com olhar direcionado para meu foco de estudo, procurando relatar de maneira minuciosa minhas observações.

Registro 1

Hoje, ao chegar à sala, como de costume, fiquei esperando as crianças para observar e relatar a nossa rotina.

Iniciamos o dia com o café da manhã. Diante das vinte e duas crianças que estão em sala de aula minha expectativa era somente observar, até porque, tenho duas semanas nesta turma de Jardim II e a turma já possui uma professora (então só acompanho a turma para auxiliar quando preciso). E, nesse momento, Ilda me diz que hoje começarei com a roda do dia (conversa) e que assim iniciarei a nossa rotina.

As crianças chegam à sala um pouco dispersas e aos poucos vão se sentando na roda, quando Ilda anuncia que hoje começaremos um dia diferente. Aproveito a deixa para iniciar a conversa e pergunto: “Galerinha, do que vocês sentem falta e por quê?”

João: “Da minha mãe, porque sim”.

Flavia: “Do meu pai; eu queria ficar em casa”.

João Felipe: “Sinto saudades da Ana Rosa e suas coisas legais da história”.

Bia: “Ah, eu quero fazer coisas legais com livros!”

Pedro: “Quero mexer na tinta, colar as coisas”.

Letícia: “Ah, eu queria estar com minha irmã brincando de escola, porque sim”.

Lima: “Ah, eu sinto falta de inventar coisas com a Ana Rosa e fazer descobertas”.

Observo que o fato de Ana Rosa⁴ ir poucas vezes na sala e nós, educadores, não termos abertura para realizar o projeto mais intensamente, deixa uma lacuna na aprendizagem da criança. As falas dos alunos evidenciam o desejo do lúdico e a necessidade da turma de trabalhar diversas áreas de conhecimento, as linguagens, que se dão, quando a atividade está sendo realizada, construindo o conhecimento na relação com o outro, deixando que a curiosidade e a experimentação os impulsionem com a mediação do professor.

Registro 2

A turma do Jardim II está na sala agrupada em pequenos grupos sentados no chão. A divisão se compõe em grupos de meninos que brincam de carros e bonecos,

⁴ Educadora

reproduzindo os desenhos da televisão e de meninas, no outro lado, brincando de casinha e escola e reproduzindo sua realidade.

No grupo dos meninos percebo que todos brincam, no entanto, existem duas crianças que brincam com os bonecos, mas também brincam de escritório. Então pergunto: “O que vocês estão fazendo?”. Miguel diz “Desenhando os filmes que vamos batalhar”. Logo, as meninas brincam do lado e fazem uns movimentos em que a escola é boa para as crianças e que elas precisam estar lá. Daí, eu pergunto: “Gente, por que a escola é importante para nós?”

Miguel: “Aqui aprendemos e brincamos.”

Flavia: “Porque meu pai precisa trabalhar.”

Pedro: “Porque aqui aprendemos coisas diferentes junto com os amigos.”

Ana: “Aqui, na escola, a gente conta história e desenha e também aprende coisas novas.”

Eu: “Então, vamos guardar o brinquedo para o lanche e, depois, perto da hora da saída, eu vou contar uma história. O que acham?”

“Sim!”, responderam todos.

Durante o restante do dia, fiquei observando uma questão que a turma precisava trabalhar e que a diretora havia sinalizado, através da observação e que nós estamos pesquisando. Eles não sabiam classificar os diferentes tons de pele.

E, bem no final do dia, próximo à hora da saída, nos restavam 45 minutos preciosos.

Ilda começava a contar a história, mas um pouco tímida com minha presença. Um pouco desconfortável, pede para que eu conte “Menina bonita do Laço de fita.”

E começo a contar a história, que trata de uma menina que tem um coelho que deseja ter um filhote pretinho. Com o desenrolar da história trabalha-se que as raças são compostas por mistura de cores e que somos diferentes, cada um a sua maneira.

As crianças ouvem a história e abrimos a roda para sintetizá-la, as crianças entendem o contexto e, em seguida, nossa conversa é interrompida pelo horário da saída e deixamos para o dia seguinte.

Registro 3

No dia seguinte, Ilda e eu chegamos à sala com várias ideias e decidimos fazer um mini projeto. Traçamos nossas metas: trabalhar os diferentes tons de peles, diferentes tipos de pessoas, mistura de cores, pessoas com tamanhos, olhos, cabelos e estaturas diferentes.

Ao receber os alunos, depois do café, retomamos a história e logo pedimos para que se organizassem em uma fila por tamanho - do menor para o maior. Foi bem divertido! A turma conseguiu se organizar sem muitas divergências. É claro que não eram todos

que conseguiam se organizar... até que Ana começa a comparar uns aos outros e Antony diz: “Já sei, quando o amigo não entender a gente vai ao espelho e vê”. E, assim, eles se organizam e realizam muito bem a dinâmica proposta.

Durante o dia, realizamos as outras tarefas que compõem a rotina e logo após o banho, pedimos para que se observem e desenhem como eles são. Em seguida, chamo um de cada vez e registro como se descrevem perguntando: “Como você é?”

Matheus: “Cor de pele, cabelos pretos, boca machucada e bem magro.”

Clara: “Marrom, com pingo no rosto (sardas), cabelo cacheado e preto”

Antony: “Sou preto, meu cabelo é duro de gel aqui atrás e sou alto.”

Pedro: “Cabelo preto grande; sou humano e branco.”

Angel: “Grande, magra, tenho pele, meu cabelo é marrom.”

Enzo: “Cor de pele, cabelo e tenho um machucado.”

Essa atividade foi desenvolvida e através dela conseguimos fazer com que eles percebessem a si e aos colegas, trocando percepções e características.

Registro 4

Estamos sentados na sala em três grupos (dois grupos de oito crianças e um com dez). Colocamos na mesa várias anilinas e pedimos para que eles pintassem com diferentes cores, sem usar o dedo, somente com os canudos que estavam distribuídos junto com os copos de tintas. A regra da atividade era não chupar a tinta e não misturar os canudos em outras tintas.

Eles iniciaram muito tímidos e com medo de quebrar as regras, até que Letícia, quando assoprou, misturou as tintas vermelho e amarelo e, sem perceber, descobriu a laranja. João disse: “Hemily, olha o que a Leticia fez! É uma mágica! Faz de novo, Leticia?!” As crianças levantaram-se e todas começaram a sorrir e fizeram o mesmo que Leticia. Foi uma bagunça só e juntos descobriram a mistura das cores. Em seguida, colocamos as pinturas para secarem e registramos no quadro, que vermelho mais amarelo era igual a laranja, percebendo as cores que descobrimos juntos.

Essa atividade foi muito legal, porque todos se sentiam cientistas e muito valorizados com suas descobertas. Além de trabalhar arte, trabalhamos português, ciências e matemática.

Registro 5

Com um papel quarenta quilos, disposto no meio da sala, desenhemos a silhueta de uma criança e construímos uma boneca coletiva. Colocamos uma criança deitada e desenhemos a silhueta. Depois misturamos as tintas brancas e vermelhas e, em seguida, procuramos misturar as cores que se pareciam com os tons de pele, até que

formamos um marrom escuro com o qual pintamos a boneca. Recortamos, de revistas, olhos, ouvidos, boca, nariz e a nomeamos de Ana Alice.

Assim trabalhamos o projeto, sempre evidenciando as misturas e diferenças, despertando a afetividade da turma. A repercussão do projeto era tão positiva, que as crianças socializaram em casa o que se aprendia na escola, conceituando e sistematizando junto aos pais.

Finalizamos esse projeto com uma exposição, no corredor da escola, deixando os outros colegas curiosos. Algumas vezes, observei que, enquanto desciam para ir embora, falavam sobre o que aconteceu no projeto. Nossa culminância maior foi um teatro de fantoches, realizado para a turma do Jardim III.

Durante as minhas observações identifiquei que, no processo de construção, a nossa prática é marcada por diversos momentos. Vivenciamos o que Corsino (2009) descreve como sendo realmente todo o processo de trabalho com projetos, que precisa de etapas e objetivos, uma pré-esquematisação do que se vivenciará. Funciona como uma espécie de força que move a levantar, problematizar e experimentar questões despertadas.

À medida que se almeja alcançar as respostas que se procura, o educador interage consigo e com o meio em que vive. Isso provoca a incerteza e assim se estabelece o desenvolvimento do processo de construção. Nele traçamos diferentes rotas a se seguir: “Há diferentes formas de aprender aquilo que queremos ensinar (e não sabemos se aprenderão isso ou outra coisa)” (CORSINO, 2009, p. 107).

A comunidade escolar deve estar atenta e compromissada com o que se deseja construir até porque a escola não se constitui só em sala, todos os espaços que entrelaçam essa aprendizagem têm sua função e significado. A relação entre família e escola se estabelece por um bem maior que é a criança. “A proposta não é um lugar, porém, se efetiva num espaço físico onde as crianças e adultos vão estabelecer relações” (CORSINO, 2009 p. 112).

Os projetos desenvolvem-se a partir de estratégias que usamos dentro da nossa rotina para facilitar e aprimorar o conhecimento de alunos e toda comunidade escolar. Os desdobramentos se dão através de uma dinâmica contínua, que partem do interesse do grupo, seja por meio de questões claramente identificadas ou que são reveladas por vivências e conflitos na escola e observados durante o dia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o curso no ISEPS fui, aos poucos, exercitando a prática da observação e hoje consigo entender que observar não é só perceber o aluno falante, mas perceber também o silencioso, o reflexivo, o ausente, o agitado e todos os outros que compõe o grupo. Ao aprimorar o olhar, aprende-se que o ato da observação revela a história do aluno e seu conhecimento prévio do conteúdo a ser mais bem pesquisado.

Na prática do trabalho com as crianças, a observação reeduca os sentidos e aguça o pensamento. Aos poucos, é possível mediar o que é de proveito e o que não é para a aprendizagem do grupo. Ela instrumentaliza o educador para conhecer e planejar; assim como para elaborar uma estratégia para mobilizar o grupo, em uma aprendizagem significativa.

O tempo foi passando e a importância de registrar se mostrou de suma importância. Fui construindo a minha escrita, melhorando minha oralidade e construindo com minhas crianças uma autoria e autonomia do que vivenciávamos diariamente. Pode-se dizer que isso é algo que completa sua alma. Nesse sentido, existe, instintivamente, a necessidade de escrever, pois a escrita externa o saber e modifica o ensinar.

A partir da análise dos registros das observações realizadas no campo de pesquisa pude confirmar que para a interdisciplinaridade acontecer deve existir uma concepção de grupo, onde as relações se estabelecem e existe um diálogo tanto entre os alunos quanto entre os educadores. A maneira a ser trabalhada é importante, pois a criança se constitui daquilo que vivencia, e quanto mais se experimenta, maior será a possibilidade de significar.

A interdisciplinaridade se dá através da relação com o outro, no questionar, provoca e indagar. É na maneira como nos relacionamos que estabelecemos como vamos traçar nossos caminhos. Sendo assim, considerando o outro em nossa aprendizagem é que oportunizamos a nós mesmos e ao outro trabalhar, dentro de um único tema, diferentes linguagens, embora saiba que o projeto não atende a todas as exigências que um currículo almeja aplicar. Currículo e projeto se entrelaçam, o que mais uma vez se reafirma a interdisciplinaridade.

Com o estudo desse tema “A Importância interdisciplinaridade na

educação infantil” venho alertar aos educadores sobre a importância de reaver e aplicar a nossa prática educativa, refletindo sobre o que vem a ser uma aprendizagem significativa na educação infantil.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen S.; HORN, Maria das Graças S. **Projetos pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CORSINO, Patrícia. **Trabalhando com projetos na Educação Infantil**. In: CORSINO, Patrícia (org.). **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009, p. 105-116.

FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Aprendendo com as inovações nas escolas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

Notas de aula da disciplina ministrada por Madalena Freire no Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), primeiro semestre de 2012.